

## **APRENDENDO E (ENSINANDO) COM A CABEÇA**

MARA MONTEIRO DA CRUZ

Desde que nascemos, demonstramos que não só nossos músculos e ossos se desenvolvem, mas também nossa capacidade de pensar e nos relacionar com os outros. Assim, processos muito complexos são observados em cenas simples do cotidiano: converse com o bebê e observe que seus lábios se movem, e ele emite sons. Não só tenta imitar o adulto, mas interagir com ele. Desde muito cedo, também, o bebê entende o que é uma voz zangada, ou o que é uma voz "carinhosa". As crianças que aprendem mais são as que vivem em um ambiente com mais estímulos, as que podem experimentar mais coisas.

Atualmente, graças a descobertas de pesquisadores, alguns conceitos importantes estão sendo revistos. Por exemplo, para Piaget, a criança de até 6 anos seria considerada incapaz de raciocinar logicamente. Ele comprovou isso depois de realizar com elas alguns testes, como a clássica experiência de derramar água de um copo mais largo em um copo mais fino e perguntar à criança em copo havia mais água. As crianças, observando que o nível de água parecia mais alto, respondiam que havia mais água no copo mais fino.

Estudando como o cérebro aprende, os cientistas estão chegando à conclusão que, nesta idade, de 0 a 6 anos, a criança pensa logicamente, mas **precisa fazer para aprender**. Talvez, se as crianças do teste de Piaget pudessem, elas mesmas, derramar a água de um copo para outro, várias vezes, a maioria descobriria que a quantidade de água era a mesma.

Os primeiros anos de vida marcam, **profundamente**, nossa forma de pensar e interagir com o mundo que nos cerca, É nessa fase que se formam, com mais intensidade, as conexões em nosso cérebro. Se, nesse período, por exemplo, alguém for mantido em um quarto totalmente escuro, sem estímulos visuais, **jamais aprenderá a ver**, mesmo que depois viva, normalmente em sociedade. Isso quer dizer que, apesar de ter olhos saudáveis, seu cérebro não estabeleceu as conexões necessárias para interpretar estímulos visuais.

**"Embora o aprendizado jamais tenha fim, as bases do saber são lançadas em grande parte já na infância" [1]**

Aprendizagem não é só cognitiva. Quando usamos a palavra "aprendizagem", devemos imaginar, também, diferentes dimensões, como a psicológica e a biológica. Essas dimensões são integradas. Isso quer dizer que uma dimensão está ligada à outra. Quando estamos felizes, aprendemos mais. Quando estamos cansados, tristes, aborrecidos, com medo, estamos menos dispostos a aprender.

**"Enquanto o mero saber muitas vezes se dissipa com rapidez, os sentimentos perduram por muito tempo." (idem)**

Os sentimentos exercem forte influência na atenção, na percepção e na memória. Por isso, é mais produtivo, para desenvolver a coordenação motora fina, elaborar um desenho sobre um passeio que nós fizemos e gostamos muito do que cobrir pontinhos ou "levar o coelho até a cenoura", traçando uma linha reta.

Por isso, é um engano pensar que o bom educador é aquele que dá bronca, grita, "impõe respeito". Os gritos acabam causando medo e a criança aprende a se inibir, não aprende a se expressar. Ou pode ser que aprenda a gritar também. Se não na escola, em outras situações (talvez, no futuro, grite com a esposa ou marido quando quiser impor respeito!)

Também é um engano pensar que o bom educador é o que faz tudo pela criança. Se ela aprende fazendo, pode até memorizar "como se faz", mas terá um fazer que reproduz, não um fazer criativo.

É muito preocupante ouvir uma criança dizer que a escola é chata, ou vê-la chegar ao ambiente escolar com uma expressão de tristeza. É claro que isso ocorre, às vezes, por motivos que não estão relacionados à escola (problemas com a família, por exemplo). Mas é preciso que professores e professoras estejam certos de que estão fazendo da escola um lugar emocionalmente saudável, agradável, onde os limites são construídos (não impostos) nas bases do amor e confiança mútua. E a criança pode aprender fazendo, experimentando, errando, tentando e criando.

E esse cuidado deve ser de todos, não só dos professores: de quem acolhe a criança no portão (Bom dia! Que bom que você veio!), de quem prepara e serve o lanche (Crianças, adivinhem de que é o bolo hoje?); de quem auxilia os professores (que deve, por exemplo, favorecer o desenvolvimento de hábitos de higiene e não, apenas, limpar as crianças); de quem cuida da limpeza da escola, que deve entender que algumas sujeiras são resultado de experimentações naturais da idade e não devem ser reprimidas; de quem orienta os pais, que deve valorizar e respeitar o que vem de cada família, sem julgar ou menosprezar essa relação tão delicada; de quem atende o telefone, que tem a difícil missão de, em um simples "alô", transmitir a filosofia de uma escola...

**Qualquer pessoa que trabalha em escola deve ter alma de educador.**

**Mara Monteiro da Cruz:** Fonoaudióloga, especialização em psicomotricidade, Mestre em Educação-EdEspecial/UERJ, docente do Curso de Pedagogia da UNICARIOCA, docente de Cursos de Especialização em Informática e Psicopedagogia, co-autora dos livros *A Informática e os problemas escolares de Aprendizagem*; *Caminhos das Letras: alfabetização na Era Digital*; *Educação Inclusiva: Cultura e Cotidiano Escolar*

e-mail: mluciacz@hotmail.com

---

[1] Viver Mente & Cérebro. Ano XIV Nº 157